

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)



Divulgação

Getúlio Marinho é tema de mural na cidade que o adotou

Justiça a Getúlio, o baiano que ajudou a moldar o Rio

NÃO TEM MUITO JEITO: de vez em quando o assunto volta, bate à porta e se reinstala - o carnaval, esse velho conhecido que, no fundo, é só outro nome para a própria história do Rio. E foi assim que, na semana passada, a União da Ilha do Governador anunciou seu enredo para 2027 e puxou um fio que merece ser seguido com calma: a vida de Getúlio Marinho da Silva, popularmente conhecido como Amor.

MAS, AFINAL, QUEM FOI GETÚLIO? A resposta não cabe em uma linha - nem deveria. Baiano, nascido no dia da Proclamação da República, veio menino pro Rio e, nos anos 30, virou um desses sujeitos que parecem viver várias vidas ao mesmo tempo: compositor, mestre-sala, fomentador dos ranchos carnavalescos, dirigente. Um multiartista num tempo em que a palavra ainda nem estava na moda. Só isso já bastaria para garantir seu lugar na memória da cidade. Mas Getúlio foi além.

NUM BRASIL AINDA MARCADO por forte intolerância religiosa, ele teve a ousadia de levar para os discos um universo que, até então, vivia à margem: a macumba. Ao lado de Mano Elói - que mais tarde ajudaria a fundar o Império Serrano -, Getúlio rompeu resistências e abriu caminho para que aqueles sons, aqueles ritos e aquela estética atravessassem o filtro da indústria fonográfica.

NÃO ERA POUCA COISA. Era, na prática, dar voz pública a uma expressão cultural historicamente silenciada.

E ESSE GESTO TEVE DESDOBRAMENTOS. Esse movimento ajudou não só a popularizar práticas religiosas como também, como diz o historiador Luiz Antônio Simas, a moldar a própria identidade da macumba carioca - em especial a chamada umbanda omolocô, profundamente enraizada na experiência urbana do Rio. Em outras palavras, Getúlio não apenas registrou um som: ele ajudou a consolidar uma cultura.

SUA TRAJETÓRIA AINDA PASSA PELOS RANCHOS - que, antes da consolidação das escolas de samba, eram protagonistas da festa - e segue até a organização institucional do carnaval. Getúlio esteve entre os fundadores da primeira entidade que buscou estruturar os desfiles - a União das Escolas de Samba -, num tempo em que tudo ainda era construção, tentativa, improvisado. O carnaval que a gente conhece hoje deve muito a esse tipo de gente.

E HÁ, NESSA HISTÓRIA TODA, UM DETALHE que toca o coração deste colunista: o enredo da Ilha se apoia no livro da historiadora Fernanda Soares - que, com orgulho, é da minha família. É minha prima.

VER ESSE TRABALHO GANHAR A AVENIDA, ganhar o brilho da Marquês de Sapucaí e alcançar o Brasil inteiro é mais do que uma homenagem: é uma espécie de reencontro. Ainda mais quando lembro que nossas raízes também passam pela Ilha do Governador, como se o tempo tivesse dado um jeito de amarrar tudo.

NO FIM DAS CONTAS, O DESFILE DE 2027 não é só sobre lembrar Getúlio Marinho. É sobre corrigir um silêncio. Num período em que tantos nomes explodiram em talento e ficaram marcados, o dele acabou meio encoberto. Resgatar sua história - seja pelas páginas de um livro, como fez Fernanda, seja pelo espetáculo da avenida - é devolver ao Rio um pedaço de si mesmo.

E ISSO, CONVENHAMOS, TAMBÉM É CARNAVAL. É quando o carnaval faz justiça à sua gente.



Acervo pessoal Luiz Meira

Gal Costa e Luiz Meira, guitarrista da sua banda por 19 anos, no show que a dupla realizou dentro do projeto 'Vozes do Brasil'

Gal e um violão. Para que mais?

Versão intimista de 'Mulher Eu Sei', de Chico César, antecipa lançamento do aguardado álbum ao vivo póstumo da cantora

AFFONSO NUNES

Nunca é demais ter saudades de Gal Costa (1945-2022). Um dos lançamentos musicais mais aguardados do ano, o álbum "Gal Costa - Ao Vivo no Teatro Castro Alves" terá mais um single revelado nesta sexta-feira (8). Trata-se de uma releitura de "Mulher Eu Sei". O registro permanecia inédito comercialmente e foi captado em 22 de maio de 2003, durante apresentação de Gal no projeto "Vozes do Brasil", em Salvador. O processo de revelação das canções do álbum teve início no último dia 17, quando foi lançado um single triplo contendo "Eu Vim da Bahia" (Gilberto Gil), "Azul" (Djavan) e "Força Estranha" (Caetano Veloso).

Maria da Graça Costa Penna Burgos, ou simplesmente Gal, se tornou uma das vozes mais rele-

vantes da música popular brasileira. Sua carreira começou na década de 1960, quando a música brasileira vivia um momento de efervescência criativa. Gal iniciou seus estudos musicais cedo e rapidamente se inseriu no circuito artístico pelo qual transitavam Caetano Veloso, Gilberto Gil e Tom Zé — encontro que a levaria a ser um dos expoentes do movimento tropicalista. Participou do álbum "Domingo" (1967) ao lado de Caetano, e lançou seu primeiro disco solo em 1969. Na contramão de muitos intérpretes de sua geração, Gal não se prendia a gêneros ou estilos musicais. Com sua voz potente e versátil, cantou bossa nova, samba, rock, música nordestina e blues, sempre com uma capacidade singular de reinventar as canções que interpretava. A Rolling Stone a descreveu como "a vocalista feminina mais transcendente da era pós-bossa".

Nos anos 1970 e 1980, conheceu o topo da MPB. Gravou

dezenas de discos, participou de trilhas sonoras de filmes e novelas, e conquistou uma base de fãs do tamanho do Brasil. Escolhia criteriosamente seu repertório, recorria a compositores da grandeza de Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Caetano Veloso, Chico Buarque e Ary Barroso. Mas, generosa, Gal também se abria para artistas contemporâneos e novos compositores.

Interação com público

Neste show de 2003, acompanhada apenas pelo violão de Luiz Meira, Gal apresentou um espetáculo acústico que mesclava clássicos da música brasileira com canções de compositores como Chico César (autor de "Mulher Eu Sei"), Vander Lee, Arnaldo Antunes e Alice Ruiz. A voz cristalina de Gal brilhava em sintonia com o violonista. O registro captou também a interação com a plateia, como na saudação inicial no início do show e no momento divertidíssimo em que a cantora coloca a parte masculina da plateia para cantar o refrão de "Mulher Eu Sei" ("Eu sei como pisar no coração de uma mulher / Já fui mulher, eu sei / Já fui mulher, eu sei").

Caetano é o compositor da maioria das canções do repertório daquele show, entre elas "Tigresa", "London London", "Minha Voz, Minha Vida" e "Coraçãozinho". Clássicos como "Camisa Amarela" (Ary Barroso), "Chega de Saudade" (Tom Jobim e Vinícius de Moraes), "Vapor Barato" (Jards Macalé e Waly Salomão) e "Olha" (Roberto Carlos e Erasmo Carlos) também ganharam versões acústicas para o projeto, que passou por várias cidades.

Após duas décadas de preservação, o registro passou por tratamento técnico capitaneado pelo produtor musical Marco Mazzola. O lançamento é fruto da parceria das gravadoras MZA Music e Biscoito Fino, e representa mais uma iniciativa de curadoria e preservação do acervo de Gal Costa. O álbum completo chega às plataformas digitais no fim do mês.